

ALGUNS DIAS NO BRASIL INCURSÕES PELO DIÁRIO DE VIAGEM DE ADOLFO BIOY CASARES

Letícia Malloy

Em parte de seu processo de composição literária, o argentino Adolfo Bioy Casares (1914-1999) empreende exercícios nos quais apresenta ao leitor combinações de aspectos pertinentes à narrativa romanesca e elementos usualmente atribuídos à estrutura dos diários. Tais exercícios podem ser observados, notadamente, em dois textos que não costumam ser examinados de maneira associada pela crítica literária voltada à obra casareana¹, quais sejam, *La invención de Morel* (1940) e *Diario de la guerra del cerdo* (1969). Observando-se pontos de aproximação no que toca às referidas estruturas narrativas, cujas datas de publicação são distanciadas por um intervalo temporal de quase trinta anos, é razoável inferir que o trabalho de escrita criativa levado a cabo por Bioy é caracterizado, dentre outras nuances, por uma “memória textual”² que motiva o escritor a revisitar determinadas gradações de estilo.

Em *La invención de Morel*, verifica-se o desenvolvimento de uma trama narrativa em que se atribui ao protagonista a escrita de um diário relacionado a suas experiências em um ambiente insular localizado no oceano Pacífico. Condenado à prisão perpétua pela justiça venezuelana, a personagem empreende fuga rumo a uma ilha deserta que teria sido palco de uma epidemia, e acaba por escrever sobre o que ali viveu e descobriu a respeito de um certo Morel. O diário do fugitivo é entremeado por notas de rodapé dispostas por um editor fictício, que tece comentários e apresenta questionamentos voltados à razoabilidade do conteúdo das páginas pessoais que lhe teriam chegado às mãos. Embora seja possível depreender a existência de um diarista em *La invención de Morel* a partir, por exemplo, de passagem em que o narrador-

¹ É significativa a gama de investigações que, ao se debruçarem sobre o enredo de *La invención de Morel*, concentram-se no estabelecimento de relações entre este texto e o romance *Plan de evasión* (1945), promovendo interlocuções que concernem, fundamentalmente, ao espaço narrativo de natureza insular apresentado por Bioy em ambas as obras. Cite-se, como exemplo, o interessante estudo de Alfred J. McAdam intitulado “Adolfo Bioy Casares: the lying compass”. In: *Modern Latin American Narratives: the dreams of reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1977.

² Cf. TORRE, Melissa Cobra. *Viagem, identidade e memória textual em Antonio Tabucchi*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012, p. 16.

protagonista afirma “escribo esto para dejar testimonio del adverso milagro”³, não se identificam, no texto literário em questão, outros aspectos tipicamente associados a um diário, como a apresentação de datas — ou “entradas”, nos termos de Philippe Lejeune⁴ — ao topo de cada fragmento redigido.

Também em *Diario de la guerra del cerdo*, constata-se a reunião de características próprias de um diário e atributos relativos ao âmbito romanesco. Nesta obra, o enredo é apresentado sob a perspectiva de um narrador-diarista que redige páginas pessoais nas quais recorre à terceira pessoa do singular e, com isso, propicia incertezas quanto ao estatuto do narrador.⁵ Os quarenta e nove capítulos do volume são mesclados a uma intermitente indicação de datas, dispostas à maneira de um diário, sendo este amalgamado ao discurso direto das personagens e a outros registros textuais, como versos de músicas. Ao narrador-diarista do romance em questão não interessa expor eventos corriqueiros ao final de um dia, tampouco confrontar-se espontaneamente com lembranças que o conduzam à avaliação de uma trajetória de vida. Em verdade, importa-lhe registrar, de maneira distanciada⁶, eventos ocorridos durante pouco mais de uma semana, durante a qual o cotidiano de idosos portenhos é abalado por atitudes hostis perpetradas por um grupo denominado *Jóvenes Turcos*.

Os exercícios de estilo verificados em *La invención de Morel* e em *Diario de la guerra del cerdo*, por meio dos quais Adolfo Bioy Casares promove convergências entre a narrativa romanesca e alguns traços típicos de um diário, parecem ir ao encontro de determinada assertiva de Mikhail Bakhtin, a qual é destacada por Irene Machado. De acordo com Bakhtin, “o romance é um gênero em devir”⁷, passível, destarte, de reformulações pertinentes ao

³ BIOY CASARES, Adolfo. *La invención de Morel*. 5. ed. Buenos Aires: Emecé, 1972, p. 17.

⁴ Cf. LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 283.

⁵ Cf. MALLOY, Letícia. *O homem-ilha, o arquipélago e o mar bravio: velhice e insulamento em Diario de la guerra del cerdo*, de Adolfo Bioy Casares. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013, p. 28-30.

⁶ O efeito de distanciamento do diarista em face dos eventos relatados ocorre por meio do uso da terceira pessoa do singular na quase totalidade do romance. *Diario de la guerra del cerdo* é estruturado a partir de uma nebulosa separação entre o sujeito que escreve e o sujeito sobre o qual se escreve, o que se coaduna com a seguinte reflexão, desenvolvida por Michel Braud: “Alors même que l’identité du sujet est perceptible, la dissociation en deux instances de discours (le locuteur et le tu, ou le locuteur et le il) produit un effet de distance entre le locuteur et son objet. Le diariste assume à la fois, dans chacun des deux cas, deux figures de soi de statut différent: celui qui parle et celui à qui il parle ou dont il parle.” BRAUD, Michel. *La forme des jours: pour une poétique du journal personnel*. Paris: Éditions du Seuil, 2006, p. 16.

⁷ MACHADO, Irene de Araújo. *A teoria do romance e a análise estético-cultural de M. Bakhtin*. *Revista USP*, São Paulo, n. 5, mar./maio 1990, p. 137.

modo como é estruturado. Nessa linha de raciocínio, compreende-se que Bioy lança luz sobre a convidativa maleabilidade por meio da qual o romance pode ser construído. Ademais, em textos literários como os comentados acima, o escritor argentino sublinha a possibilidade de que o diário seja visitado sob ângulos diversos, tornando-se objeto de recriações e transgressões capazes de ampliar seu horizonte de análise.

É lícito observar, a partir do exposto, que a combinação de nuances do romance e do diário consiste em senda vigorosamente percorrida pelo escritor argentino. Talvez tão interessantes quanto esta e outras facetas do ficcionista Bioy sejam as páginas pessoais por este deixadas. Neste ponto, passa-se a tratar da escrita do diarista Adolfo Bioy Casares. Por este motivo, convém recordar que, em 2006, com o advento da publicação de *Borges*, deu-se a conhecer trechos de diários mantidos por Bioy durante décadas.⁸ Divulgada sete anos após seu falecimento, aquela reunião de excertos organizada por Daniel Martino apresenta, como fio condutor, uma vasta série de diálogos sustentados ora pelo denominado “trío infernal”⁹, composto por Adolfo Bioy Casares, sua esposa Silvina Ocampo e o amigo Jorge Luis Borges, ora pelo binômio constituído por Bioy e Borges.

Reverberando algumas das características gerais identificáveis na organização formal dos diários, as páginas redigidas por Bioy se estruturam em função do modo como o diarista percebe e seleciona eventos constitutivos de uma rotina que transcorre, predominantemente, no espaço da cidade de Buenos Aires. Sob essa perspectiva, nota-se que as passagens extraídas do diário pessoal de Bioy são orientadas segundo aquilo que Maurice Blanchot assinala como marca do gênero textual em questão: o vínculo ao calendário, isto é, a disposição de marcadores temporais a partir dos quais é possível associar a escrita do texto à noção de quotidianidade.¹⁰ De fato, para o volume intitulado *Borges*, selecionaram-se registros de conversas qualificadas pela habitualidade e voltadas, em grande medida, ao processo de composição literária, ao traba-

⁸ Como observa Daniel Martino em adendo ao “Prefacio a la primera edición”, o volume publicado em 2006 apresenta “en su integridad, del modo más fidedigno posible, las *reminiscencias* acerca de Jorge Luis Borges”. O segundo volume, publicado em 2011 e utilizado neste ensaio, consiste em “una selección que retiene aquellos pasajes en los que Borges, al pronunciarse sobre sucesos o personas, o al juzgar determinados libros o autores, se refiere a temas y tópicos de interés general, no solo literario.” In: BIOY CASARES, Adolfo. *Borges*. Ed. Daniel Martino. Barcelona: Backlist, 2011, p. XIV.

⁹ Cf. ANNICK, Louis. *Definiendo un género: la Antología de la literatura fantástica de Silvina Ocampo, Adolfo Bioy Casares y Jorge Luis Borges*. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, México, DF, v. 49, n. 2, 2001, p. 410.

¹⁰ Cf. BLANCHOT, Maurice. *Le livre à venir*. Paris: Gallimard, 1959, p. 252.

lho e a perspectivas de outros escritores e, ainda, à leitura de obras literárias argentinas e estrangeiras.¹¹

Se na obra *Borges* colocam-se em evidência, especialmente, os processos meditativos engendrados por Jorge Luis Borges no que toca a variados matices do domínio literário, dá-se relevo, paralelamente, à situação de escrita do diarista Adolfo Bioy Casares. Com efeito, importa considerar que a mencionada compilação de fragmentos franqueia ao leitor acesso a uma modalidade de registro cultivada, anos a fio, por *alguém que escreve enquanto não está a escrever*, isto é, alguém que mesmo nos intervalos do ofício de composição literária não descansa a pena sobre o papel e retira do entorno e dos dias comuns a matéria que anima anotações pessoais.

Interessante é observar que o hábito da redação de diários acompanha Bioy até mesmo em circunstâncias nas quais se verificam turbações em seu cotidiano. Justamente de uma dessas turbações resulta a escrita do breve *Unos días en el Brasil* (Diario de viaje), que, segundo esclarecimento disposto no texto de abertura do volume, foi publicado inicialmente em 1991 “con una única tirada de trescientos ejemplares fuera de comercio, regalados por el autor a sus amigos.”¹² Após aquela primeira edição direcionada a um reduzido círculo de leitores, o diário de Bioy sobre sua visita ao Brasil em 1960 seria novamente publicado apenas em 2010, e até o momento não dispõe de tradução para a língua portuguesa.

DAS ANOTAÇÕES DE UM “ESCRITOR POR ESCRITO”

Em Posfácio a *Unos días en el Brasil*, o professor Michel Lafon, da Universidade Stendhal-Grenoble 3, faz referência a determinada ponderação atribuída a Daniel Martino, segundo o qual “mientras viva Bioy, nunca renunciará a viajar.”¹³ Se o hábito de fazer viagens foi tão vigorosamente nutrido por Bioy quanto o de escrever em seus diários, faz-se necessário realçar a particularidade das circunstâncias que propiciaram a visita do escritor a cidades brasileiras e que resultaram na redação de um registro de viagem. Em páginas que antecedem a primeira entrada do diário, Bioy esclarece que seu deslocamento ao país vizinho não decorreu propriamente de uma deliberação pessoal, mas

¹¹ Cf. BIOY CASARES, Adolfo. *Borges*, op. cit., passim.

¹² Idem, *Unos días en el Brasil: diario de viaje*. Madrid: La Compañía de los Libros, 2010, p. 14. Os trechos citados serão referenciados entre parênteses após as citações.

¹³ LAFON, Michel. Posfácio. In: BIOY CASARES, Adolfo. *Unos días en el Brasil*, op. cit., p. 69.

de um convite feito em tom convocatório por Antonio Aíta, então presidente do PEN Clube argentino, para que o escritor participasse de um congresso que seria realizado no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1960. Além disso, Bioy sugere ter cedido à intimação de Aíta na expectativa de rever, no Rio de Janeiro, certa brasileira de nome Ophelia, que conhecera em 1951 durante estadia na França (p. 21-22).

A reação de Bioy ao convite que não conseguira declinar bem justifica a epígrafe selecionada para o diário que viria a escrever durante sua curta permanência em terras brasileiras: *Non recito cuiquam, nisi amicis*. Essa ponderação de Horácio, cuja tradução corresponde a “Não leio em voz alta excepto para os meus amigos”¹⁴, guarda estreita relação com a postura mantida por Adolfo Bioy Casares no que concerne à atividade de composição literária, e consiste em prenúncio do comportamento do escritor diante do compromisso assumido junto ao ramo argentino do PEN Clube. Ampliando a esfera de significação da máxima de Horácio, Bioy salienta ser um “escritor por escrito” (p. 22), não afeito portanto à participação em eventos literários e à exposição por estes suscitada.

A partir da leitura do diário, não é possível inferir que o argentino não desejasse retornar ao Rio de Janeiro, onde estivera com os pais, ou que não fomentasse a curiosidade de conhecer outras cidades brasileiras. Percebe-se, entretanto, que um eventual desejo ou uma potencial curiosidade foram, em importante medida, prejudicados pela ideia de que o deslocamento do escritor ao Brasil possuía como motivação primeira o comparecimento a uma congregação de “políticos” e “burócratas de la literatura” (p. 29), consoante assinalado por Bioy em seu diário de viagem. Consequentemente, verifica-se que a escrita do diário é orientada, em algumas passagens, por um tom de aborrecimento justificado pela maneira como os eventos ocorrem a partir do desembarque do escritor no Brasil.

Quando de sua chegada, em 23 de julho de 1960, Bioy se vê implicado em um frenético ritmo de compromissos impostos pelo compatriota Antonio Aíta. A cadência orquestrada pelo chefe da delegação argentina se faz notar em certas passagens do diário de viagem, nas quais Bioy modula orações à

¹⁴ Cf. FIALHO, Maria do Céu. Horácio: Ética e Ars Poética. In: PEREIRA, Maria H. da Rocha; FERREIRA, José Ribeiro; OLIVEIRA, Francisco de. (Coords.). *Horácio e a sua perenidade*. Coimbra: Centro Internacional de Latinidade Léopold Senghor/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, p. 126.

maneira telegráfica, condizente com a correria que é incitado a observar:

Llego a las tres y pico a Río. Saludo a Sarah Bollo, delegada uruguaya. Aíta, que me espera con impaciencia, pone un distintivo en mi solapa, no me permite telegrafiar a casa ni pasar al baño. Seguirlo es la orden. Saludo a los delegados. Vuelvo al hotel. En el bar, agua mineral, queso, aspirina, dolor de cabeza; la tierra se mueve debajo de los pies. (p. 23-24)

No torvelinho da agenda institucional que o enfastia, Bioy se vê rodeado por uma gama de subjetividades que, naquele momento, partilham a condição de estrangeiras. Ora acompanhado por argentinos e uruguaiois, ora ladeado por membros da delegação italiana, Adolfo Bioy Casares tem parte de suas experiências no Rio de Janeiro e em São Paulo mediada pelo olhar de viajantes que, como ele, não conhecem a fundo a paisagem e as dinâmicas socioculturais brasileiras. Disso decorre, em certa medida, o fato de o escritor se mostrar resignado quanto à impossibilidade de compreender ao menos parte de um espaço que não lhe é familiar. Já em seu primeiro dia no Rio de Janeiro, Bioy pondera em seu diário: “En cuanto a mí: un poco abrumado en esta ciudad populosa y vertical, sin esperanzas de entenderla topográficamente. Como si el día de llegada toda una red de calles y edificios confusamente se nos cayera encima.” (p. 24-25)

Com efeito, nota-se a partir de exemplos constantes do diário que as experiências de Bioy no Rio de Janeiro e em São Paulo são com frequência atravessadas pelas impressões de um outro, igualmente estrangeiro, que observa o espaço e nele busca subsídios para refutar ou corroborar generalizações concernentes ao Brasil. A esse respeito, convém destacar observação feita pelo catalão Joan Mateu Ballester durante jantar em São Paulo. Segundo anotado no diário de viagem em análise, o catalão se vale de experiências acumuladas após algum tempo de residência em São Paulo para desconstruir a difundida ideia de que os brasileiros não são preconceituosos. Ao relatar experiências pessoais, Ballester denuncia a existência de uma sorte de racismo encoberto por artimanhas discursivas que se fundam em falsas premissas de igualdade e de fraternidade:

[E]s mentira que aquí la gente no haga distingos. Si vas con una puta negra, pagas menos. Mejor estar muerto que ser negro. No te bañes tres días en la playa de Santos, que si te tuestas ya no eres ni señor, ni don, ni siquiera Adolfo; eres una porquería. Aquí hacen distingos, pero saben que no hay que hacer distingos;

entonces dicen que no hacen distinciones, que son todos hermanos. Hermanos dela puñeta. (p. 47)¹⁵

Ainda que o contato com estrangeiros participantes do congresso internacional do PEN Clube tenha rendido a coleta de depoimentos significativos como o de Ballester, cumpre observar que, em suas páginas pessoais, Bioy elege, como momento preferido da viagem, aquele em que o olhar e a palavra do outro não interferem na interpretação do espaço a desvelar. A possibilidade de um contato direto com os brasileiros ocorre quando o diarista, sem avisar o chefe da delegação argentina, compra uma passagem aérea e parte rumo a Brasília, a capital federal recém-inaugurada, onde permanece durante um dia. Apesar da brevidade da experiência, é este o momento culminante da viagem, no qual Bioy se vê desembaraçado de compromissos institucionais e tem franqueada a possibilidade de ser, tão-somente, um viajante. Precisamente nesta passagem do diário encontram-se os traços de um Adolfo Bioy Casares que, durante entrevista concedida a Graciela Scheines já na década de 1980, assim afirmou: “Yo tengo la obsesión del viaje. Siempre creo que voy a solucionar todo yéndome.”¹⁶

Além disso, verificam-se, na entrada relativa à jornada em Brasília, lampejos de um profícuo — ainda que ligeiro — diálogo entre história individual registrada pelo diarista-viajante e elementos que viriam a constituir um importante matiz da memória cultural brasileira. Da experiência em Brasília decorrem preciosos registros fotográficos que atestam a participação de indígenas na construção da cidade. Segundo relata Bioy, “fotografié, no sé con qué resultado, casas dignas del peor (o del mejor, tanto da) Le Corbusier y a indios, con orejas de un palmo y perforadas, que hace tres años vivían como únicos pobladores en la zona.” (p. 41) Ao visitar a cidade fundada há pouco mais de dois meses, ainda polvilhada de obras por concluir, o escritor percebe que aquele “sueño de arte moderno de un funcionario imaginativo; tal vez, de un demagogo imaginativo” (p. 40) é habitado pela mágoa de um contingente de funcionários que haviam sido obrigados a deixar o Rio de Janeiro para recomeçar a vida no Planalto Central (p. 40-41).

¹⁵ A questão do preconceito em relação aos negros reaparece na página 55 durante relato de conversa entre o escritor e Fernández Rey, maître do Otton Palace de São Paulo: “Me explica que en Brasil hay discriminación —no por principio, sí en la práctica— contra los negros. A japoneses, árabes y judíos los reciben con los brazos abiertos.”

¹⁶ SCHEINES, Graciela; BIOY CASARES, Adolfo. *El viaje y la otra realidad: un ensayo y cinco cuentos*. Buenos Aires: Editorial Felro, 1988, p. 31.

Erguida pelo sopro inventivo de uns poucos e pela energia física de uma multidão, a nova cidade também se constrói, com efeito, pela percepção dos que nela deitam os olhos e, a partir disso, atribuem novos significados ao lugar. Assim ocorre no plano literário, por exemplo, com o Menino-protagonista do conto rosiano “Margens da alegria”, que ao visitar a cidade em construção atribui uma atmosfera de encanto — pelo menos em um primeiro momento — ao levantar da “poeira, alvissareira”.¹⁷ Assim ocorre também, no plano fático, com o escritor-viajante Adolfo Bioy Casares, que confere a Brasília os sentidos de solidão e de isolamento desejados: “El mejor recuerdo del viaje: sentirme solo en Brasilia, a muchos kilómetros de toda persona que sabe quién soy. Probablemente juego a los riesgos de la aventura y de la soledad, sin correr riesgo.” (p. 61)

Michel Lafon discorre da seguinte maneira sobre a solidão experimentada por Bioy por ocasião da curta estadia em Brasília: “Practicar la soledad y el turismo como una disciplina y un arte, gozar y desesperarse a la vez del alejamiento, del *dépaysement*, que construyen a tantos de sus ‘héroes’ apresurados, azorados, al acecho de alguna intriga, amorosa si puede ser.”¹⁸ A observação de Lafon assinala pertinência no que toca ao estabelecimento de relações de contiguidade entre as distintas formas discursivas visitadas por Adolfo Bioy Casares. Afinal, verifica-se que tanto no processo de escrita das páginas pessoais quanto na composição de contos e romances o escritor lança mão de uma poética do insulamento¹⁹, pondo em relevo circunstâncias variadas nas quais o sujeito — “autor-narrador-personagem”²⁰ do diário ou personagem/ narrador-personagem de textos literários — é conduzido a situações de distanciamento das práticas de interação social.

¹⁷ GUIMARÃES ROSA, João. As margens da alegria. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 51.

¹⁸ LAFON, Michel. Posfácio, op. cit., p. 79-80.

¹⁹ A poética do insulamento nos textos literários de Adolfo Bioy Casares consiste em objeto de estudo examinado pela autora deste ensaio ao longo do Doutorado em Estudos Literários, ainda em curso. Tal poética é consubstanciada por um conjunto de estratégias narrativas a partir das quais se evidenciam ora o delineamento de espaços nos quais as personagens se veem distanciadas do contexto social em que estavam compreendidas — como pode ser verificado, por exemplo, nos contos “Clave para un amor”, “El perjurio de la nieve” e “El gran Serafín” —, ora por circunstâncias em que os sujeitos, ainda que próximos, têm suas relações pautadas por certo desinteresse ou incapacidade no que toca ao estabelecimento de uma comunicação efetiva com o outro. É o que ocorre, por exemplo, no conto casareano “Un león en el bosque de Palermo”. Também cumpre esclarecer, neste ponto, que a identificação de vasos comunicantes entre motivos presentes na narrativa literária casareana e tópicos do breve diário sobre a visita ao Brasil funda-se, tão-somente, na análise de aspectos constantes dos referidos textos. Restam afastados, desse modo, quaisquer exercícios de biografismo voltados ao estabelecimento de correspondências simplificadoras entre vida e obra do escritor.

²⁰ Cf. LELEU, Michèle. *Les jours intimes*. Paris: PUF, 1952, p. 28, apud BRAUD, Michel. *La forme des jours*, op. cit., p. 08.

Nesse sentido, se ao início deste ensaio apontou-se a razoabilidade quanto ao estabelecimento de relações intertextuais concernentes a dois textos literários casareanos — *La invención de Morel* e *Diario de la guerra del cerdo* —, parece vir a propósito, também, a promoção de diálogos entre escrita criativa e páginas pessoais redigidas pelo argentino. Admitida a validade de tal premissa, pode-se examinar o diário de viagem tomando-o por percurso de leitura que guarda a potencialidade de ampliar os exercícios de interpretação voltados a motivos presentes na narrativa casareana, como é o caso da sobredita poética do insulamento. Além disso, o diário pode oferecer subsídios à análise de arranjos estilísticos trabalhados pelo escritor. Afirma-se, com isso, que assim como em *La invención de Morel* e em *Diario de la guerra del cerdo*, a estrutura de *Unos días en el Brasil* é construída a partir da combinação de elementos típicos de um diário a aspectos que lhe conferem um tom romanesco.

Nessa linha de raciocínio, verifica-se que antes das entradas do diário propriamente ditas, Bioy desenvolve um capítulo introdutório no qual discorre sobre eventos vividos em 1951, durante estadia na França, e estabelece relações entre tais eventos e as circunstâncias que motivariam sua visita ao Brasil nove anos mais tarde. Ao final do diário, Bioy não se restringe à brusca suspensão do relato de viagem e se esmera em arquitetar um irônico desfecho ao texto. Retornando a uma questão levantada na seção introdutória do volume — a expectativa frustrada de um encontro com a brasileira Ophelia — Bioy confere a *Unos días en el Brasil* traços não necessariamente associados a um diário: circularidade, organicidade e lógica interna. Acrescente-se, nos termos de Michel Lafon, que o escritor atribui às páginas pessoais um “carácter novelesco inconfundible que cada frase suya logra desde siempre convocar, aun sin proponérselo.”²¹

Além de suscitar reflexões sobre a intertextualidade no conjunto da obra casareana e sobre a recorrente convergência de elementos do diário e do romance, *Unos días en el Brasil* propicia discussões de ordem metalinguística, já que seu “autor-narrador-personagem” semeia informações sobre o processo de escrita do diário de viagem. Cabe lembrar que, via de regra, o diário é caracterizado como uma “narração intercalada”²², isto é, como uma estrutura diegética desenvolvida em momentos nos quais seu autor se distancia de fatos

²¹ LAFON, Michel. Posfácio, op. cit., p. 80-81.

²² Cf. REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 1990, p. 99.

vivenciados e sobre estes passa a discorrer. Sob essa perspectiva, associa-se a “situation d’écriture”²³ do diário às ideias de pausa, recolhimento e meditação. No caso do diário de viagem de Bioy, tem-se acesso a um processo de escrita não necessariamente instaurado em momentos de interrupção do fluxo de eventos. Em verdade, Bioy expõe que a escrita de seu diário de viagem se dá até mesmo no decurso das sessões do congresso internacional do PEN Clube: “Luego, mientras escribo este diario, ¿cómo lo diré?, acaece, ocurre, al alcance de mi oído, una disertación literaria de Cecilia Meireles, con dulzura de frasco de caramelo licuado.” (p. 33)

Da passagem citada, não se pode depreender um desinteresse de Bioy no que toca à palestra ministrada por Cecilia Meireles. A perspectiva do argentino expressa, antes de tudo, certa inclinação a encerrar-se nos domínios da palavra escrita — inclinação esta evidenciada pela assertiva “Soy escritor por escrito” (p. 22) — e uma resistência à ideia de que escritores estejam envolvidos em âmbitos alheios à composição literária. Desse modo, percebe-se que, para além de servir ao registro de experiências e impressões pertinentes ao Brasil, o diário de viagem de Adolfo Bioy Casares consiste em instrumento de mediação entre o viajante e o congresso.

Em entrada relativa ao dia 24 de julho de 1960, Bioy desenvolve um questionamento sucinto acerca da relação entre escritores e holofotes: “Estos escritores, ¿no se preguntan en ningún momento si están jugando a ser diputados? Cómo les gustaría serlo. El congreso es un pseudo parlamento que *bombina en el vacío*.” (p. 28) O assunto é novamente abordado na entrada de 28 de julho de 1960, na qual Bioy relata ter enviado um artigo ao jornal *El mundo*, de Buenos Aires, com reflexões sobre o congresso e sobre a natureza mesma do PEN Clube. O argentino conclui tal artigo afirmando que “los escritores del club debieran recordar que alguna vez Wells fue su presidente y que Timón, el autor de *El libre de los oradores*, nunca.” (p. 43)

Se as referidas passagens constantes de *Unos días en el Brasil* bem denotam a relação entre o escritor e seu ofício, é certo que também acentuam uma função pouco ortodoxa atribuída à escrita de um diário de viagem: a de substituir experiências ou, ao menos, amortecer o enfrentamento destas. As páginas pessoais em exame prestam-se, por um lado, ao previsível objetivo de registrar uma seleção de acontecimentos e impressões acumuladas durante

²³ Cf. BRAUD, Michel. *La forme des jours*, op. cit., p. 19.

pouco mais de uma semana. Por outro, a situação de escrita é utilizada como mecanismo promotor de um relativo e almejado distanciamento do viajante em relação ao entorno. A composição do diário se afigura, então, como uma espécie de interlúdio entre o sujeito que escreve e uma realidade que não raro lhe parece desinteressante ou de difícil apreensão.

Assim, embora Bioy afirme ter desfrutado de bons momentos em companhia de membros da delegação italiana, como Alberto Moravia — o então presidente do PEN Clube internacional, que tinha dúvidas quanto à relevância do cargo ocupado —, e encontre alívio ao se deparar com o já conhecido rosto do francês Roger Caillois, é na ordem da palavra escrita que o viajante procura ordenar eventos ocorridos ao longo da viagem e a eles atribuir algum sentido. Sob essa perspectiva, as anotações pessoais de Adolfo Bioy Casares acerca da lacônica viagem ao Brasil vão ao encontro de certa assertiva de Remi Hess, segundo o qual o “diário é uma forma de cercar um campo de coerência”.²⁴

²⁴ HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 98.